

JESUS EM CONFLITO COM OS DISCÍPULOS

*Marcelo Barros**

Resumo

No universo das manifestações do mal, sejam através do poder imperial, da religião oficial ou dos segmentos dominantes da sociedade, Jesus está em confronto com os espíritos maus. Mas nos círculos mais próximos de Jesus, os de seus parentes e de seus discípulos, também ocorrem conflitos causados por influências malignas. É do conflito de Jesus com seus discípulos sobre os verdadeiros rumos que deveria tomar para o cumprimento de sua missão, em confronto com os diferentes interesses e entendimentos do grupo dos doze, que trata este artigo. Quem é Jesus para os seus discípulos e qual o significado da sua missão?

Palavras-chave: *Conflito. Discípulos. Filho do Homem. Cristo de Deus. Segredo messiânico. Caminho.*

Abstract

In the universe of evil's manifestations, whether through imperial power, official religion, or the dominant segments of society, Jesus is in confrontation with evil spirits. But in the circles closer to Jesus, those of his relatives and his disciples, there are also conflicts caused by evil influences. It is the conflict with his disciples as to the true course he should take to fulfill his mission, in comparison with the various interests and understandings of the group of twelve, which this article deals with. Who is Jesus to his disciples and what is the meaning of his mission?

Keywords: *Conflict. Disciples. Son of Man. Christ of God. Messianic Secret. Route.*

* Marcelo Barros é monge beneditino, biblista e escritor. Assessora as comunidades eclesiais de base e movimentos sociais. Atualmente é coordenador latino-americano da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT). Seu livro mais recente é "Diálogos com o Amor" (Com os salmos orar o hoje do mundo), Goiânia, Ed. Kelps, 2016.

Introdução

Este número da revista “Estudos Bíblicos” nos faz refletir sobre Jesus em confronto com o mal. Mostra o mal em várias dimensões e com diferentes expressões, como a energia negativa que oprime as pessoas. Nas culturas antigas, isso se considerava como possessão diabólica. Também assim viam o poder repressivo da sociedade dominante do império e a religião opressora do Templo de Jerusalém. Jesus se põe em luta com os espíritos maus e em conflito com autoridades religiosas e políticas que encarnam esse mal. No entanto, os evangelhos mostram que nem os mais próximos de Jesus, parentes e discípulos, estão isentos ou livres da influência do mal.

Todos os quatro evangelhos mostram certo descompasso ou desencontro entre, de um lado, as palavras e propostas de Jesus e, do outro, como os próprios discípulos compreendiam o que Ele propunha (Lc 9,45; Jo 4,33 e outros). No entanto, o Evangelho de Marcos é aquele no qual os conflitos de Jesus com os discípulos aparecem mais frequentemente e de forma mais explícita. Podemos tentar compreender melhor esse conflito por uma leitura mais atenta de Mc 8,27-38.

1. Uma tradução possível

²⁷Jesus se retirou com os seus discípulos, para os povoados de Cesareia de Filipe e, no caminho, perguntou a seus discípulos:

– Quem dizem as pessoas que eu sou?

²⁸Eles responderam: João, o Batista. Outros dizem que és Elias. E outros ainda, algum dos profetas.

²⁹Então, Ele lhes perguntou: E vocês, quem dizem que eu sou?

Pedro respondeu: Tu és o Cristo.

³⁰Ele proibiu severamente que falassem a alguém o que tinham dito dele.

³¹E começou a lhes ensinar que era necessário que o Filho do Homem padecesse muito e fosse rejeitado pelos anciãos, príncipes dos sacerdotes e pelos escribas e que fosse morto, mas que depois de três dias, Ele ressuscitaria.

³²E lhes dizia abertamente essas palavras. E Pedro tomou-o à parte e começou a repreendê-lo.

³³Mas Ele voltou-se e, olhando para os discípulos, repreendeu a Pedro: “Volte para trás de mim, satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas dos homens”¹.

1. “O amargo diálogo com Pedro termina com dura oposição estabelecida entre a autoridade divina e a humana. [...] A frase “não estás do lado de Deus, mas dos homens” é difícil de ser traduzida. O verbo *phroneis* que, em Marcos, ocorre somente aqui, aparece mais de vinte vezes em Paulo. Deve ser compreendido no sentido de assumir um compromisso ou de defender uma convicção”. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 298.

³⁴*Chamou a si a multidão, junto com os seus discípulos, e lhes disse: “Se alguém quer me seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e venha atrás de mim (me siga),*

³⁵*porque quem quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; e quem aceitar perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, a salvará.*

³⁶*De que adianta ganhar o mundo inteiro e depois perder a sua vida?” (psiquê, tradução do hebraico nefesh, quer dizer força vital).*

³⁷*“Ou, o que daria o ser humano em troca de sua vida?”*

³⁸*Portanto, no meio dessa geração adúltera e pecadora, quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, assim também, quando vier na glória do seu Pai, com os santos anjos, o Filho do Homem se envergonhará dessa pessoa”.*

2. O contexto e as dúvidas que surgem do texto

Conforme muitos exegetas, esse episódio se insere em um conjunto de textos anteriores à redação dos evangelhos e que Marcos e Mateus utilizam, cada um do seu modo. Marcos parece contar os mesmos episódios adaptando-os a dois tipos de públicos diferentes: as comunidades de cultura judaica (6,3–7,37) e as de cultura grega (8,1-26). Do capítulo 6,30 ao capítulo 8,26, se repetem duas cenas de repartição de pães (6,30-44 e 8,1-9) e duas travessias do lago (6,45-52 e 8,10); curas, discussões com fariseus e curas, quase contadas como em dupla e em cenas paralelas. Alguns chamam esse conjunto de textos aqui transposto de “seção dos pães”, porque os episódios se colocam antes e depois das repartições de pães que Jesus faz e sobre o significado dessa partilha².

Sempre que lemos os textos evangélicos, temos consciência de que as narrativas procedem de comunidades que viviam ao menos quarenta anos depois dos fatos narrados. Nessas narrativas não é fácil saber quais elementos procedem da própria história de Jesus e quais outros são contados pelo evangelho para responder a questões e desafios que as comunidades cristãs viviam a partir dos anos 70.

Sem poder entrar aqui nos argumentos dessa discussão, podemos pensar que nesse caso do conflito entre Jesus e os discípulos existe um fundamento histórico (dificilmente as igrejas primitivas teriam inventado uma situação de conflito tão forte entre Jesus e os discípulos e principalmente com Pedro). No entanto, sem dúvida, o evangelho conta de um modo que procura responder a problemas concretos das comunidades para as quais escreve. Vamos situar o texto em seu contexto literário e histórico.

2. Cf. *La bonne nouvelle de Jésus selon saint Marc*. La session des pains. In: *Sinoptische Studien*. München, 1953, retomado por RADERMAKERS, Jean. *La bonne nouvelle de Jésus selon saint Marc*, Bruxelles, 1974, tradução italiana: *Lettura pastorale del Vangelo di Marco*. Bologna: EDB, 3 ed. 2000.

3. A vida por trás do texto

Conforme Marcos, desde o começo até o final, há uma imensa dificuldade dos discípulos compreenderem a proposta mais profunda de Jesus. Há um conflito latente que aparece em alguns momentos, como o fato de os discípulos, quase sempre, não compreenderem o que Jesus diz ou propõe e Ele se queixa disso claramente (Mc 1,35-38; 4,34; 6,52; 7,17; 8,17; 10,13-14). “A tensão entre Jesus e os discípulos já aparece durante a fase do entusiasmo deles, quase desde o início da missão e chega quase a uma ruptura”³. Ao contar as parábolas do reino, Jesus diz aos discípulos: “A vocês é dado conhecer o Reino de Deus” (Mc 4,10). No entanto, eles não parecem entender e Ele se queixa: “Vocês não compreendem? Como compreenderão, então, as parábolas?” (Mc 4,13). Essa situação de desencontro e conflitos se acentua e toma sua forma mais profunda e forte quando Ele toma a decisão de ir a Jerusalém, onde sabe que sofrerá a cruz⁴.

Conforme Marcos, Jesus se retira com os discípulos para a região de Cesaréia, residência do tetrarca Filipe, no extremo norte da Galileia, aos pés do Monte Hermon, perto das nascentes do Rio Jordão. Era quase o limite do território que o povo de Deus ainda considerava a terra prometida. No tempo de Jesus, essa região era marcada pela submissão dos judeus ao Império Romano e muito influenciada pela tradição religiosa pagã (havia uma fonte e santuário ao deus Pan). É ali que Jesus faz uma espécie de revisão de vida com o seu grupo, inicia sua caminhada final e desce para Jerusalém. Jesus pergunta aos discípulos como o povo e como eles mesmos, seus discípulos, veem a pessoa dele e sua missão. Alguns estudos veem no diálogo de Jesus sobre “quem sou eu?” certo eco do diálogo de Moisés com Deus no episódio da sarça ardente (Ex 3), quando o Senhor afirma: “Eu sou quem eu serei”, ou “Aquele que eu for com vocês revelará quem sou” (Ex 3,14)⁵.

Enquanto o Evangelho de Mateus dirá que isso aconteceu na região de Cesareia (Mt 16,13-20), Marcos insiste que foi “*no caminho*”. É no caminho que Jesus forma seus discípulos. E a questão da cruz é o ponto principal do conflito. A cruz, com tudo o que ela significava culturalmente para os discípulos e como perspectiva para Jesus.

No primeiro diálogo, ao contar que Jesus pergunta “quem sou eu?”, como se fosse em nome de todos, Pedro responde: “Tu és o Messias, o Cristo”. Jesus o proíbe de dizer aquilo. Conforme Marcos, ao proibir Pedro de dizer que ele é o Messias, o termo grego usado por Jesus é o mesmo com o qual Jesus proibia (*'epetimesen*) os demônios de falarem (1,25; 3,12). O termo grego *'epetimesen* inclui

3. CNBB. *Caminhamos na Estrada de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 22.

4. SCHOLZ, Wilson. *Princípios de Interpretação Bíblica*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 161ss.

5. SOARES, Sebastião G.; CORREIA JÚNIOR, João Luiz e OLIVA, José Raimundo. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial; Ed. Santuário, 2013, p. 269. Ver também: MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*, p. 294-295.

uma linguagem enérgica de confronto e luta, a mesma que Jesus usou para fazer calar o vento (4,39). Depois, quando Jesus fala da sua ida a Jerusalém e da sua decisão de enfrentar as autoridades e que iria sofrer a cruz, o conflito se agrava mais ainda. Pedro repreende Jesus e Jesus repreende Pedro. Chama-o de satanás, o tentador e não o rejeita, mas ordena: “Passe para trás de mim”, isto é, “volte ao discipulado”.

Há diversas interpretações das igrejas e dos estudiosos/as sobre o motivo pelo qual Jesus teria proibido Pedro de dizer que Ele é o Cristo. No Evangelho de Marcos não é a primeira vez que Jesus proíbe alguém de reconhecê-lo como o Cristo, o consagrado de Deus. Segundo Marcos, Ele curava as pessoas e proibia que contassem que foi Ele quem as curou (Mc 1,44; 5,43; 7,36; 8,26). Libertava as pessoas do demônio, mas proibia que revelassem quem era Ele (1,25; 3,11). Em Marcos, é o que se costuma chamar de “segredo messiânico”. Pode ter sido uma realidade na vida de Jesus, mas, sem dúvida, foi importante também para a comunidade dos tempos de Marcos. Não podemos fazer aqui um apanhado de todas as interpretações sobre isso, mas vale a pena lembrar algumas que podem ter mais influência na realidade de hoje.

4. Possíveis razões do segredo messiânico

A maioria dos comentários do evangelho, tanto católicos como evangélicos, concordam que o segredo messiânico tinha a finalidade de mostrar que só a partir da Páscoa pode-se compreender Jesus como Messias⁶. Só a cruz e a ressurreição podem nos revelar o seu jeito de ser Messias. Então, o segredo seria pedagógico. Em Cesareia, Jesus não teria dito que Pedro estava errado, mas sim que não era o momento de dizer aquilo. No entanto, se é a cruz que faz compreender o modo de Jesus assumir sua missão salvadora, então, não se trata só de um segredo de momento. O modo de Jesus ser o Cristo não é o do poder de um líder guerreiro, nem de um libertador político. Ele é um profeta, servidor de Deus propondo outro modo de compreender Deus não só para Israel, pois a salvação é universal, interior e “espiritual”. Essa interpretação tem nuances ou acentuações diferentes. Há quem pense que Pedro e os discípulos compreendiam o caráter messiânico de Jesus em um sentido político: o Messias seria um líder guerreiro que viria libertar Israel dos romanos. De fato, Jesus não vê assim a sua missão e, por isso, não aceita ser visto como Messias desse modo. “É provável que Pedro e os discípulos reconhecessem Jesus como o enviado de Deus que deveria assumir o reinado de Israel e libertar o povo do Império Romano”⁷.

6. FAUSTI, Silvano. *Una comunità legge il Vangelo di Marco*. Bologna: EDB, 1998. Ver ainda: SOARES, Sebastião G.; CORREIA JÚNIOR, João Luiz e OLIVA, José Raimundo. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial; Ed. Santuário, 2013, p. 269. Ver também: MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*, p. 294-295. *Lettura pastorale del Vangelo di Marco*, 2000, p. 205ss.

7. SOARES; CORREIA JÚNIOR; OLIVA. *Evangelho de Marcos*, p. 270-271.

De acordo com essa compreensão, Jesus teria rejeitado o messianismo político. Sua forma de ser Messias seria propriamente religiosa. Aí se faz referência à figura do Servo Sofredor de Isaías (Is 52,13–53,12). Fala-se da missão de Jesus em Jerusalém a partir das concepções sacrificais e litúrgicas de Jesus como cordeiro de Deus, cordeiro pascal. Sem dúvida, no tempo de Marcos, já as comunidades cristãs desenvolviam essa interpretação da cruz. Ela ajudou os cristãos do final do século I a aceitarem, e de certa forma compreenderem, como estando no plano de Deus a cruz de Jesus. No entanto, mesmo se contém uma base correta (o fato de Jesus não ter assumido um messianismo de tipo político ou nacionalista), não parece que essa linha sacrificial ou propriamente religiosa tenha sido a perspectiva de Jesus e nem o motivo da tensão entre Ele e os seus discípulos.

Alguns grupos interpretaram o segredo messiânico em Marcos no sentido gnóstico. Conforme esse modo de crer, o Messias só pode ser revelado aos iniciados. Só os que atingem a gnose podem ter acesso ao conhecimento espiritual superior. Então, a natureza messiânica de Jesus teria de ser mantida em segredo e só poderia ser conhecida do pequeno grupo mais íntimo. “Só a vós é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus” (Mc 4,10). Assim sendo, o segredo messiânico seria mais uma invenção da comunidade de Marcos nos anos 70 (inserida na cultura gnóstica da época), do que um problema real do Jesus histórico⁸.

É difícil sustentar essa posição quando se lê que, durante o processo judaico no qual foi condenado, quando o sumo sacerdote interrogou Jesus se Ele era o Messias, o rei dos judeus, Ele respondeu claramente: “Sim, eu sou!” Disse isso clara e publicamente no tribunal (Mc 14,61-62). Além disso, mesmo sabendo que o final de Marcos não é primitivo, como compreender a ordem de Jesus ressuscitado: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15)?

As leituras políticas do evangelho sustentam: Jesus não negou ser o Messias, mas impôs a Pedro e aos discípulos o segredo por motivos estratégicos. Os romanos e os adversários judeus não deveriam saber que Ele era o Messias, antes do tempo adequado (Belo, Clevenot e outros⁹).

Sem dúvida, o ponto de partida anti-imperialista e a visão social a partir dos oprimidos ajudam muito a compreender a realidade vivida por Jesus e pelas comunidades cristãs primitivas e está mais próxima das fontes do evangelho do que uma exegese individualista e espiritualista. No entanto, quando lemos comentários de Marcos que falam em “*a construção que Jesus faz de uma nova ordem social*” (MYERS, p. 312), fica a impressão de certa projeção de nossos anseios para uma realidade bem mais pobre no tempo de Jesus e mesmo de Marcos.

Na época de Jesus e dos evangelhos não existia divisão entre a esfera religiosa e a realidade política. Podemos ter dúvidas ou discordar da tese de Reza

8. SCHMITHALS, Walter. *Nuovo Testamento e Gnosi*. Brescia: Ed. Queriniana, 2008, p. 193ss.

9. BELO, Fernando. *Leitura política do Evangelho de Marcos*. Lisboa: UNL, 1975; CLEVENOT, Michel. *Lecture Materialiste de la Bible*. Paris: Le Cerf, 1985.

Aslan, segundo a qual Jesus teria sido um zelota e teria sido morto por isso¹⁰. Compreender a missão de Jesus como um militante político contra o império parece uma leitura feita a partir de hoje. Entretanto, Aslan sustenta claramente que é enquanto religioso e consagrado ao “zelo pelo reinado divino” que Ele exerceu a sua militância política. Esse não é propriamente o nosso tema aqui e, sem dúvida, não foi o motivo de tensão entre Jesus e os discípulos. Se o problema fosse esse, provavelmente o grupo de Jesus se dividiria. Entre os doze mais chegados a Jesus parece que havia alguns mais ligados a movimentos que nos anos 60 e 70, eram do tipo zelota (André, Pedro, Tiago, João e Simão, o Cananeu) e outros possivelmente eram mais conservadores ou ligados à cultura greco-romana (Filipe, Mateus e talvez outros). O conflito não seria entre Jesus e os discípulos, menos ainda representados por Pedro. O que sabemos é que o ponto central do desencontro é a questão da cruz. Foi quando anunciou sua intenção de ir a Jerusalém e a perspectiva de morrer na cruz que Pedro reagiu mal. Se Jesus tivesse vivido sua missão em uma perspectiva de resistência contra o Império Romano, Pedro e os discípulos teriam compreendido a ida a Jerusalém e a morte na cruz não como uma atitude de resistência e sim de desistência. Nesse caso, quando, no Getsêmani, os discípulos o abandonaram e fugiram, teria sido por puro medo ou por não aceitar esse modo de compreender a missão messiânica?

De todo modo, foi a cruz que os discípulos não conseguiram assumir. “O resultado desse confronto é uma crise séria, com situações de medo e de desânimo pelas quais passam os discípulos. E até o momento da cruz, eles fogem, o abandonam e não participam de nada”¹¹.

5. A realidade da cruz na época de Jesus e de Marcos

Para os ouvintes de Jesus na Galileia daqueles anos em que Jesus atuou na região, mas também nos anos 70, época provável da comunidade de Marcos, a linguagem usada por Jesus quando se dirige à multidão não é estranha nem aos discípulos, nem ao povo. Ao ouvir aquelas palavras: “*quem quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me siga*”, certamente, ninguém que escutou poderia pensar que Jesus estava pedindo das pessoas um esforço individual de ascese religiosa ou pregava que o cristão deve aceitar passivamente os sofrimentos morais ou interiores que lhe advenham.

Conforme estudiosos da história¹², na época de Jesus, na Galileia e mais ainda no caminho para Jerusalém, a capital do país, a quase cada dia, os peregrinos e viajantes viam cruces plantadas na beira da estrada e pessoas penduradas. Eram,

10. ASLAN, Reza. *Zelota, a vida e a época de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Zahar, 2013.

11. MOSCONI, Luigi. *O Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 12. ed., 2006, p. 18.

12. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*, p. 299-300.

em geral, escravos que se rebelavam contra os patrões e estrangeiros, ou faziam qualquer revolta contra o império. Eram crucificados e até morrerem, gritavam e gemiam. Assim, o poder romano punia os rebeldes e revoltosos. E os sacerdotes do Templo e as autoridades religiosas do judaísmo da época diziam que esses revoltados eram punidos porque Deus os castigava também. A própria lei dizia: “O homem pendurado no madeiro é um amaldiçoado por Deus” (Dt 21,23). Eles eram considerados criminosos pelo poder político e pecadores condenados pelo poder religioso. Portanto, Jesus sabia que, se prosseguisse por aquele caminho, era esse o destino que o esperava. Não tinha como evitar isso, a não ser que não cumprisse sua missão. A sua forma de atuar com o povo só poderia suscitar o ódio das autoridades, sejam políticas, ou religiosas.

Antes, Jesus havia proibido Pedro de chamá-lo de Messias, Cristo, o Ungido de Deus. Pouco depois, Ele revela claramente o seu propósito aos discípulos. Assume o título de “Filho do Homem” que pode querer dizer simplesmente “O humano”, ou seja, uma pessoa humana comum. Ele teria se inspirado na figura misteriosa do personagem do livro de Daniel (Dn 7,13). Ali, se trata de uma figura humana divinizada. Mas Jesus assume essa figura como alguém humano simples e sem poder que deverá ser perseguido, sofrer muito e morrer para manifestar o Reino de Deus, pela ressurreição.

Ao chamar os discípulos para tomar a sua cruz, Jesus está chamando todas as pessoas que querem ser cristãs a assumir uma posição de confronto com os impérios do mundo e a viver isso como pequenos através das armas da não violência. Em seu livro, Reza Aslan sustenta a tese de que as pesquisas históricas revelam que o Governador Pôncio Pilatos jamais aceitaria pessoalmente se envolver em brigas dos judeus. Jamais aceitaria ele mesmo interrogar um judeu acusado de blasfêmia pelo sinédrio se aquele homem não tivesse muita importância para o império. Então, ou o processo político de Jesus no pretório nada tem de histórico, ou, se Pilatos aceitou interrogar Jesus, isso só pode ter sido pelo fato de Jesus ter sido um chefe zelota¹³.

A realidade mudou muito desde o tempo de Jesus e os anos em que os evangelhos apareceram. Aslan afirma que Marcos foi escrito poucos meses depois da revolta judaica ter sido esmagada e Jerusalém ter sido destruída (ano 70). Naquele contexto, escrevendo para cristãos em Roma ou fora da Palestina, Marcos dilui a figura política (zelota) de Jesus e o apresenta como um mártir que dá a vida para testemunhar um reinado divino que supera todas as categorias humanas.

Seria pretensioso tirar conclusões definitivas e certas sobre o que Jesus queria ter dito ou o que a comunidade do evangelho tinha por trás quando afirmou isso ou aquilo. Mas, podemos sim fazer perguntas e levantar questões. Se é verdade que Pedro teve algum papel de destaque na comunidade de Marcos, então

13. ASLAN, Reza. *Zelota, a vida e a época de Jesus de Nazaré*, p. 234.

podemos perguntar se o modo como o evangelho o mostra contrário ao projeto de Jesus contém uma forte crítica ao próprio ministério petrino (que na época nada tinha a ver com Bispo de Roma e menos ainda com uma figura de papa). O Padre José Comblin concluía: “Do texto dos evangelhos não se pode concluir que Pedro teria tido um sucessor. [...] Quando o Evangelho foi escrito, Pedro tinha morrido provavelmente um quarto de século antes e o Evangelho não fala ainda em qualquer sucessão”¹⁴.

No entanto, o conflito de Jesus não é apenas em relação a Pedro, mas aos discípulos que na própria hora da paixão o abandonaram e o deixaram sozinho e mesmo depois da ressurreição duvidavam (Mc 16,14). Para as comunidades dos anos 70, o que representam esses discípulos que depois Lucas chamará de apóstolos e que os evangelhos sinóticos designam como os *doze*? Representariam os ministros das comunidades cristãs que, mesmo sem nenhum fundamento no Novo Testamento, nem nenhum sinal histórico, imaginam ter sucedido aos apóstolos de Jesus? Mesmo se, em todo o Novo Testamento, o único dos doze que tem um sucessor é Judas Iscariotes (At 1,26), que tipos de pessoas nas comunidades sentiriam cair sobre si a crítica feita pelo evangelho aos discípulos que andaram com Jesus?

6. Interpelações desse texto às igrejas de hoje

Na América Latina, nessas últimas décadas, as comunidades mais ligadas às pastorais populares e à Teologia da Libertação procuraram interpretar a paixão de Jesus não mais na perspectiva sacrificial da teologia tradicional, mas em um sentido martirial. Jesus deu a vida como testemunha do reino e por coerência ao projeto divino (Não temos tempo aqui para desenvolver isso). Talvez o Evangelho de Marcos e especificamente o texto que aqui comentamos nos ajudem a compreender o martírio não apenas como uma forma de morrer, mas como uma forma de viver. “Carregar a cruz e me seguir ou vir atrás de mim” não significaria apenas caminhar para o Calvário em uma imolação, mas sim exigiria assumir um jeito de ser e de viver.

Atualmente, uma forma dos pastores e agentes de pastoral viver de forma martirial implica não somente no compromisso de viver de forma simples e sóbria, mas de dar à missão sua e da Igreja uma dimensão política libertadora, inserindo-se na caminhada dos grupos e movimentos sociais e participando ativamente da luta pacífica pela justiça, paz e cuidado com a Terra e a natureza.

Jesus e os discípulos viveram isso não somente como “projeto de vida contrário ao império e à dominação religiosa do Templo”, mas como um “caminho de cruz”, isto é, de antipoder e empobrecimento (*kenosis*). A comunidade joanina é quem diz claramente: “O Verbo se fez carne”, mas foi Paulo quem disse como Ele

14. COMBLIN, José. As linhas básicas do Evangelho segundo Mateus. *Estudos Bíblicos*, n. 26, p. 15.

fez isso. As igrejas usam muito em suas liturgias o hino batismal que Paulo cita na carta aos filipenses: “Cristo se esvaziou a si mesmo e se fez por nós obediente até a morte e morte de cruz”. No entanto, tendem a separar o final do corpo do hino. “O fato de que, por isso, Deus o exaltou e lhe deu o nome de Senhor” é compreendido como se a *kenosis*, o abaixamento ou esvaziamento de Jesus tivesse sido apenas um movimento transitório, uma espécie de estratégia, no intervalo de sua vida histórica e estivesse atualmente superada. Agora estaríamos nos tempos do Cristo-rei. Ao contrário, o conflito de Jesus com os discípulos revela que essa interpretação e esse modo de a Igreja ser e viver continua merecendo a mesma repreensão que Jesus fez a Pedro. “Vem para trás de mim, volta ao seguimento”. Os ministros e comunidades das igrejas fazem isso quando assumem uma pastoral política que podemos chamar de *kenótica*, ou seja, de inserção e identificação com os sem-terra, sem ter reconhecidos os seus direitos à cidadania e às vezes até o seu direito à vida.

Esse é o caminho do Deus que queremos testemunhar. Desde a criação do mundo, no Êxodo e em toda a história da salvação, esse é o caminho do Pai de amor maternal. Esse é o caminho assumido por Jesus e incompreendido por Pedro e pelos discípulos. Esse é o caminho do Espírito que abraça e valoriza todas as culturas e religiões, expressões da sabedoria humana (cf. Sb 1,7).

Quem nasceu e cresceu na Igreja Católica ou em alguma das igrejas evangélicas históricas, convive naturalmente com a compreensão hierárquica da Igreja, com a sacralização do poder clerical com seu habitual autoritarismo e até muitas vezes arrogância que se baseia em uma compreensão de um poder dado por Deus. Estamos habituados a falar de “serviço” e, ao mesmo tempo, lidar com uma autoridade vertical. Deixamos de nos espantar com o contraste existente entre o lava-pés, teatralizado por bispos e padres em tantos templos na Quinta-feira Santa e a realidade que, de fato, é preponderante nas paróquias, dioceses e comunidades eclesiais.

Certamente com seus gestos simples e sua insistência em se assumir como um pastor pobre, o Papa Francisco recorda a proposta tão viva na época do Concílio: de uma Igreja pobre e para os pobres. Quando em novembro de 1965 mais de 40 bispos do mundo assinaram o pacto das catacumbas, se comprometendo a renunciar a todos os sinais de poder e riqueza, houve quem achasse esse gesto ineficaz já que não mudava nada no mundo. De fato, indicava profeticamente esse caminho *kenótico* como o núcleo fundamental do ministério.

Já no século XIX, na “lenda do grande inquisidor”, Dostoiévski contava que Jesus tinha aparecido em Sevilha (no século XVI) e tinha sido preso pela Igreja e levado a ser interrogado pelo grande inquisidor. Em resumo, o inquisidor diz a Jesus: “Naquele diálogo no deserto, quem tinha razão era o outro e não você e nós seguimos a ele. Agora, você nos veio perturbar”¹⁵. No texto de Marcos, Jesus chama Pedro de satanás.

15. DOSTOIÉVSKI, F. *Os irmãos Karamazov*, cap V. (No Brasil, o livro foi editado pela Ed. Abril Cultural, 1970, e pela Editora 34, 2005).

Em 1967, Dom Hélder Câmara escreveu ao papa uma carta, na qual ele propunha que, para cumprir sua missão com maior liberdade frente aos poderes do mundo, Paulo VI tomasse a decisão de voltar a ser mais especificamente o Bispo de Roma e primaz das igrejas no Ocidente. Voltasse a morar no Palácio do Latrão, antiga residência do papa em Roma. Para isso, o papa deveria renunciar a ser chefe de Estado e entregar o Vaticano para ser um museu internacional. Deveria acabar com as nunciaturas (o papa não deve ter diplomatas junto aos governos dos países) e se comunicar com os governos e povos de todos os países através dos bispos locais. Dom Hélder nunca recebeu diretamente uma resposta do papa, mas uma confirmação de que este tinha recebido a sua carta. Era uma resposta oficial do Cardeal Villot, secretário de Estado. A carta dizia: “Excelência, o santo padre recebeu e agradece sua colaboração, mas sua Excelência deve saber que não vivemos mais nos tempos do Evangelho”¹⁶.

Em dezembro de 2013, o bispo secretário particular do papa declara a uma revista alemã: “No ano passado, o nosso sumo pontífice entrou na Basílica para iniciar o Advento vestido com uma capa magna para significar a realeza do Cristo. Nesse ano, esse papa entrou vestido como pároco de interior de alguma paróquia do país dele. Desse jeito, aonde vamos chegar?” Alguns dias depois, o bispo entra no escritório do papa e vê que ele está lendo a entrevista dada por ele. Tenta desculpar-se, mas o Papa Francisco lhe responde:

– “Você tem toda liberdade de expressar o que pensa. Só quero responder à sua pergunta: Desse jeito, aonde vamos chegar? Eu lhe respondo: Ao evangelho de Jesus”.

Esse continua sendo o conflito entre Jesus e os seus discípulos.

Marcelo Barros

E-mail: irmarcelobarros@uol.com.br

Bibliografia

- ASLAN, Reza. *Zelota, a vida e a época de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Zahar, 2013.
- BARROS, Marcelo. *Dom Hélder Câmara, profeta para os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BELO, Fernando. *Leitura política do Evangelho de Marcos*. Lisboa: UNL, 1975.
- CERFAUX, L. La session des pains. In: *Sinoptische Studien*. München, 1953.
- CLEVENOT, Michel. *Lecture Materialiste de la Bible*. Paris: Du Cerf, 1985.

16. BARROS, Marcelo. *Dom Hélder Câmara, profeta para os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 159.

COMBLIN, José. As linhas básicas do Evangelho segundo Mateus. *Estudos Bíblicos*, n. 26, 1990, p. 9-18.

DOSTOIÉVSKI, F. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

FAUSTI, Silvano. *Una comunità legge il Vangelo di Marco*. Bologna: EDB, 1998.

MACHADO, Isabel Cristina. *Curso Caminhamos na Estrada de Jesus – CNBB*. São Paulo: Loyola, 2013.

MOSCONI, Luigi. *O Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 12. ed., 2006.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

RADERMAKERS, Jean. *La bonne nouvelle de Jésus selon saint Marc*. Bruxelles, 1974.

_____. *Lettura pastorale del Vangelo di Marco*. Bolonha: EDB, 3. ed. 2000.

SCHMITHALS, Walter. *Nuovo Testamento e Gnosi*. Brescia: Queriniana, 2008.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de Interpretação Bíblica*. Canoas: ULBRA, 2006.

SOARES, Sebastião G.; CORREIA JÚNIOR, João Luiz e OLIVA, José Raimundo. *Evangelho de Marcos*. Fonte Editorial e Santuário, 2013.